

# RECORTE - REVISTA DE LINGUAGEM, CULTURA E DISCURSO

ANO 2 - NÚMERO 3 - JULHO A DEZEMBRO DE 2005

[início](#)

## IGNAZIO SILONE E O SENTIMENTO DA TERRA

**Flora De Paoli Faria**  
UFRJ/CNPq

**ABSTRACT:** This papers aims to discuss the work of the Italian author Ignazio Silone, specially the portrait of the relation betwen men and the land. The author lived in troubled times in Italy, with of conflicts related to land possession, Silone became a militant and had to become clandestine. That is his situation when he publishes most of his important works like *Fontamara*, in which he portraits his love for the land and the suffering of being apart of it.

A observação do momento histórico brasileiro, no que tange ao grave problema da distribuição das terras em nosso país, leva-nos a recordar o contexto italiano das primeiras décadas do século XX. Nesse período, a nação italiana recém-saída de seu processo de unificação política-lingüística, deparava-se com situações conflituosas semelhantes às nossas. Muitas vezes, as reivindicações dos trabalhadores rurais eram expressas de forma dura e violenta, levando as autoridades instituídas a reprimi-las com meios mais violentos. Os habitantes dos campos, impossibilitados de ascenderem ao incipiente processo de industrialização que se desenvolvia, principalmente, na região norte do país, não encontravam outra saída senão lutar pelo acesso às terras, garantindo assim sua sobrevivência.

A ligação emblemática do camponês italiano com a terra é abordada por vários autores; dentre eles citamos o nome do abrucês Ignazio Silone como um dos mais destacados cantores dessa questão na Itália.

Silone nasceu Secondo Tranquilli, em *Pescina dei Marsi*, na província de Aquila, na região do Abruzzo, mítica zona da Itália meridional. Por uma brincadeira do destino, Silone vem ao mundo em 1º de maio de 1900 e terá toda a sua vida marcada pela energia do trabalho, dedicado à defesa de seus irmãos abruceses, condenados a uma vida dura de miséria e opressão.

A adesão à luta pela redenção do homem oprimido e explorado conduz nosso autor à clandestinidade, onde adotará o pseudônimo de Silone, nome de origem latina que tem como patrono um personagem histórico – Quintus Poppedius Silone – chefe militar que se destacara na defesa da Marsica, sua terra natal.

Outro dado curioso que nos ajuda a traçar o perfil desse polêmico escritor é que a primeira vez que Secondo Tranquilli adotou o nome Silone foi no cárcere em Barcelona, em 1923, quando, por motivos políticos, escrevia artigos para o jornal *Batalha*, utilizando-se desse pseudônimo para escapar às repressões da

época. Porém, o nome Silone era demasiadamente pagão para sua formação cristã. Assim, numa homenagem ao grande santo espanhol – Santo Inácio de Loiola – Tranquilli adota como primeiro nome – Ignazio.

A necessidade de disfarce nesse tempo de clandestinidade irá estender-se a outras fases da vida do autor italiano, fazendo com que se habitue ao “faz de conta”. E será com o nome de Ignazio Silone que ele assinará seu primeiro e mais famoso romance, no qual imprimirá toda sua dor e sofrimento por estar distanciado de seu solo originário: *Fontamara* (1930).

A ligação de Silone com a terra, particularmente com o solo abruçês que lhe serviu de berço, é flagrante em todas as suas obras, refletindo, também, uma herança familiar, já que seu pai era um pequeno produtor agrícola. Com ele o escritor aprende a amar e respeitar a terra, que, embora dura e seca, lhe oferece o necessário para a sobrevivência.

A figura do pai nos textos silonianos é representada por traços fortes, enfatizando a natureza do sentimento de honra e de amor ao solo nativo que lhe é peculiar. Uma das reminiscências mais antigas de Silone é a sua primeira visita ao campo na companhia do pai:

Para mim, foi um acontecimento importante, alguns anos mais tarde, a primeira vez que meu pai consentiu de levar-me com ele ao Fucino. Tive a forte impressão de ter-me tornado homem.  
(SILONE, 1979, p.7)

A novidade da ida ao campo e a ansiedade do garoto assinalam o caráter ritualístico que marca a cena. O pai prepara-se para iniciar o filho nos profundos mistérios da terra, que guarda o segredo da vida e da morte. A descrição da viagem que passa de pai para filho, reforçando, a cada passo, a ligação do homem com a terra.

Todo detalhe aumentava a minha ansiedade. Na luz pálida da madrugada, a massa grandiosa dos bois, a simplicidade e rudeza dos utensílios levados para a jornada – o arado, o saco de feno, os barris de água e vinho, o cesto com a comida – e o imprevisto ritual, e mesmo o inesperado canto do galo, me pareceram os sinais da gravidade da vida, na qual estava para ser admitido. Era necessário partir cedo porque devíamos percorrer cerca de 8 quilômetros para chegar no interior da bacia do Fucino, no nosso terreno, para que, oportunamente, chegássemos antes que o sol estivesse alto. (SILONE, 1979, p.7-8)

Como se pode observar no texto transcrito, extraído de *Uscita di sicurezza* (1965), o terreno da família se localizava na “concha” do *Fucino*, lago da região, onde podemos encontrar o húmus vitalizante que assegura a fertilidade da terra, garantia da perpetuação do homem. Simbolicamente, a imagem que podemos apreender é a do homem em comunhão com a terra, situação de completude que será perseguida em todas as obras de Silone.

O sentimento da terra será o tema central de *Fontamara*. Toda a trama da narrativa se desenvolve em torno da conquista e posse da terra, das dificuldades e percalços que devem ser ultrapassados para a sua manutenção.

“O pai de Berardo morreu no Brasil” continuou a velha. E como morreu, nunca se soube. Todo mês me mandava algum dinheiro para que eu o guardasse, até formar uma determinada quantia, para comprar um pedaço de terra. Finalmente pude comprar um pedaço de terra, mas desse dia em diante não escreveu mais e depois

chegou a notificação de sua morte. Mas como morreu, nunca se soube. (SILONE, 1982, p.56-7)

Podemos dizer que a conquista de tão sonhada terra, que obrigara o pai do protagonista de *Fontamara* – Berardo – a emigrar para rincão tão distante, é acompanhada de uma verdadeira maldição. O pai de Berardo acaba seus dias de forma misteriosa, longe de sua pátria, não conseguindo retornar para tomar posse daquela terra tão desejada. Suas raízes foram definitivamente cortadas, já que Berardo não consegue manter as terras por muito tempo.

Atraído pela possibilidade de emigrar para o Brasil, o jovem camponês vende a propriedade que tinha sido comprada com o sacrifício da vida paterna. Contudo, após esse ato impensado, é surpreendido pela proibição fascista de saída da Itália, nova disposição governamental, selando o destino trágico de Berardo.

“Berardo não tem terra”, acrescentou Maria Rosa. Ele é muito forte, não é forte como um homem, mas como um touro. Um homem forte como ele, em Fontamara, nunca existiu. Com aquela força ele pode carregar nas costas um asno e subir até o campanário; mas não pode vencer o destino. E seu destino é muito triste”. (SILONE, 1982, p.57)

A descrição de Berardo sublinha sua força extraordinária, mostrando que fisicamente nada o impede de conseguir dinheiro e comprar um novo pedaço de terra, onde pudesse fincar suas raízes. Mas sua força física não é suficiente para vencer a sina da família, transformada no símbolo do homem meridional. Esse para poder caminhar e seguir sua estrada deve possuir pelo menos um pequeno chão, responsável por seu sustento físico e espiritual.

O que acontece a Berardo é que seu destino trágico se cumpre, após várias tentativas de fuga. E o único chão que consegue é aquele do cemitério: “Terá a terra, sim, mas no campo-santo” (SILONE, 1982, p.58).

E esta terra é distante do solo pátrio, já que Berardo morre em Roma, para onde emigrara na esperança infrutífera de conseguir meios que lhe assegurassem conquistar um pedaço de terra.

É oportuno observar que em *Fontamara*, bem como nos demais textos silonianos, deparamo-nos com uma região de terrenos áridos, íngrimes e escabros, de montes nus que circundam bacias cultivadas e aldeias miseráveis que se espalham aleatoriamente pelas montanhas.

Vilarejos como presépios ou velhas aldeias enfumaçadas e esturricadas, dispostas nas alturas como se fossem pincas, muralhas com casebres escavados nos precipícios, como se fossem cavernas. (SILONE, 1982, p.139)

Apesar da patente hostilidade e aspereza do solo, que marcam as páginas de *Fontamara* e das demais produções silonianas, essa terra é desejada intensamente. Esse desejo não diminui nem mesmo diante das adversidades climáticas, tais como terremotos e enxurradas. Tais catástrofes parecem alimentar ainda mais esse amor alucinado pelo solo da *Marsica*.

A leitura atenta de *Uscita di sicurezza* permite verificar que foi no terremoto de 1915, que se abateu sobre a região do Abruzzo, que toda a família de Silone pereceu. O único parente próximo que sobreviveu à catástrofe foi seu irmão Romolo, último remanescente dos cinco outros. Sozinho no mundo, nosso escritor será obrigado a abandonar, pela primeira vez, sua terra natal, indo estudar em Roma sob a tutela da avó paterna. O encontro com a avó e a partida

para Roma são posteriores a uma fase muito violenta e trágica da vida de Silone, que deixará em sua alma marcas indeléveis que o acompanharão por toda sua vida.

O jovem adolescente, fragilizado pela perda da casa, dos pais e irmãos, assiste horrorizado à profanação do cadáver da mãe, por parte de um tio, que arranca da morta a carteira de dinheiro. Ainda, durante o socorro às vítimas do terremoto, vê estarrecido a mulher de um parente seu negar socorro ao marido agonizante.

O que se via durante aquela tragédia era a espoliação de mortos e feridos, abandonados à própria sorte. Parecia que a mãe-terra enfurecida resolvera castigar seus filhos de forma violenta, como se quisesse lembrar-lhes sua força incontrolável diante da fragilidade humana.

Estávamos há poucos dias do terremoto. A maior parte dos mortos jazia ainda sob os destroços. Os socorros tinham dificuldade de iniciar seus trabalhos. Os aterrorizados sobreviventes viviam nas proximidades das casas destruídas, em abrigos provisórios. Estávamos no auge do inverno, aquele ano, particularmente, rigoroso. Novos tremores e borrascas de neve nos ameaçavam. Os jumentos, mulas, vacas e ovelhas, por causa da destruição dos estábulos, estavam, também eles, reunidos em refúgios improvisados. E a noite trazia os lobos, atraídos pelo forte e quente odor dos animais, agora sem a proteção dos estábulos (SILONE, 1982, p.29-30)

A agressividade da terra enlouquecida traz à cena a figura do homem primitivo. Nessa paisagem de desolação, ele volta a agir como seus ancestrais, mostrando que apesar de sua pretensa superioridade diante dos outros seres, não pode deter a fúria incontrolável da natureza. Ele nada pode fazer, senão reconhecer sua limitação e buscar, amargamente, sua reconciliação com essa energia originária, da qual se afastara inconscientemente. O homem sonha o reencontro com a terra mãe, o momento de existir no seio doce e farto, irmanando, finalmente, a experiência do cotidiano.

As temáticas da solidão, da nostalgia, do pranto pelas raízes cortadas e do sentimento da terra atravessam todos os romances de Silone, enfatizando a cada passo a urgência de se recuperar a integridade perdida.

A leitura dos romances *Pane e vino*, *Il seme sotto la neve*, *Una manciata di more*, *Il segreto di Luca* e, principalmente, de *L'avventura di un povero Cristiano*, além dos já citados *Fontamara* e *Uscita di sicurezza*, nos permite identificar os sulcos escavados no solo do texto por essa herança telúrica do Abruzzo, que, muitas vezes travestida em outras roupagens, termina por expor um coração dilacerado, ansioso por voltar a ouvir sua própria voz, ou melhor, escutar o lamento nostálgico da terra distante, que, com seu canto sedutor, chama seus filhos exilados, fazendo-os sonhar com o reencontro.

A topologia do texto siloniano aponta insistentemente para a questão da terra e mostra como o sentimento telúrico irá determinar toda a sua estrutura lexical.

O levantamento do campo semântico desses textos denota uma alta incidência de vocábulos ligados à terra, com o objetivo de esclarecer a qualidade do afeto que anima a alma do homem abrucês.

Essa ligação afetiva pode ser visualizada na trajetória traçada por Carlo Annoni (1985, p.92) em seu livro sobre Silone. Ele seleciona algumas aldeias do Abruzzo como símbolo de toda a miséria e atraso que caracterizavam essa região.

Fontamara:

... uma centena de casinhas, quase todas térreas, irregulares, disformes, enegrecidas pelo tempo e corroídas pelo vento, pela chuva, pelos incêndios, com os telhados mal cobertos por telhas e por refugos de todas as espécies. A maior parte daqueles casebres não têm senão uma abertura, que serve de porta, janela e de chaminé. No seu interior, na maioria das vezes de terra batida, com as paredes cruas, coabitam, dormem, comem, procriam, às vezes, no mesmo cômodo, os homens, mulheres, os seus filhos, as cabras, as galinhas, os porcos e os jumentos. (SILONE, 1982, p.9)

Pietrasecca:

... umas sessenta casinhas enfumaçadas e cheias de gretas, das quais uma parte tinha janelas e portas fechadas, estando, provavelmente, desertas. O vilarejo parecia ter sido construído numa espécie de funil, encravado no fechamento do vale. Não se distinguem mais que duas casas urbanas. (SILONE, 1982, p.177)

Orta:

Na entrada da aldeia até a lama se torna doméstica e humana. A viela é flanqueada por estábulos fétidos e casebres pútridos, contra os quais se amontoavam montes de estrume, restos de comida, lixo, cacos e outros refugos, enquanto no meio da rua, construída com a forma de uma sela grosseira de cabeça para baixo, escorria um rego negro que leva consigo detritos em decomposição. (SILONE, 1982, p.330)

Acquaviva:

Ao longo da avenida encontramos brancos edifícios públicos, com as fachadas no estilo neocolonial e algumas belas casas aristocráticas, desabitadas, escoradas para que não desabem. Faustina agarra Pietro por um braço e o arrasta apressadamente, dobrando na primeira viela que encontra. É muito mais uma sucessão de poças do que um beco: à direita e à esquerda vistos casebres fétidos, muros apodrecidos, choças minúsculas e negras que parecem lixeiras, nas portas mulheres que lembram larvas escuras. (SILONE, 1982, p.575)

A miséria material que irmana essas aldeias, embora assustadora e deprimente, não é suficientemente forte para quebrar a ligação afetiva que conjuga homem e solo.

Esse sentimento telúrico é tão forte, e se acha de tal forma impresso na alma do homem meridional, que irá determinar a reescritura da paisagem abrucesa.

A ruína e a decomposição do material que encontramos na maioria das aldeias é agravada, continuamente, pela violência dos terremotos que sacodem a região, pela destruição que desce juntamente com as enxurradas que vêm das montanhas, pelas enormes poças de lama que se formam após o degelo. Todas essas agruras climáticas acentuam a rapidez com que se efetuam as transformações ambientais nessa zona e vão contrastar com o imobilismo que caracteriza o tipo de afeto que une o homem ao solo.

Das várias descrições que até agora tivemos oportunidade de observar podemos dizer que toda essa matéria orgânica com seu processo de putrefação segue um curso natural, até se transformar, novamente, nos elementos constitutivos da terra. Um movimento circular vai assinalar a volta desses elementos à fonte natural da qual nasceram. Processo semelhante ocorre com o homem que, após sua morte se transforma em adubo, que fertiliza a terra, reconquistando de forma inquestionável sua unidade original –homo/humus.

A topologia da miséria – traçada no texto literário pelo sentimento telúrico – vai permitir vislumbrar o real que se esconde nas entranhas da terra/texto, ultrapassando os limites da simples representação.

Para precisar esse sentimento telúrico e o desejo de reconstrução do vínculo originário que anima o homem da *Marsica*, transcrevemos as palavras de Silone na introdução de *Fontamara*.

Quem olha Fontamara de longe, do Feudo do Fucino, a aldeia parece um rebanho de ovelhas escuras e o campanário um pastor. Um vilarejo igual a tantos outros; mas pra quem nasce e cresce ali, o cosmo. Toda a história universal ali acontece: nascimentos, mortes, amores, ódios, invejas, lutas e desesperos. (SILONE, 1982, p.10)

O sentimento da terra assume seu real significado, simbolizando o ventre materno, para o qual o filho pródigo anseia retornar, sem se importar com o fato de que nele se encerra a vida e a morte. É nesse espaço geográfico que ele deverá consumir sua existência, pois só aí se sentirá reintegrado com o ponto de partida, voltando ao interior do círculo negligenciado pelas falsas diversões que distanciam o ser do ente.

Certamente, pensar o texto siloniano implica pensar a fonte que verte sua amargura de homem desenraizado, que fica patente no texto inaugural de *Fontamara*, já que essa será a obra que inscreve o drama do distanciamento vivido por Silone, escritor e militante político, obrigado pelo sistema a abandonar o solo pátrio para poder consumir sua ec-sistência.

*Fontamara* foi escrito em Davos, na Suíça, em 1930, e construído com o auxílio da memória, trazendo à ficção acontecimentos autobiográficos, vistos através dos olhos nostálgicos do expatriado. Silone no momento da escritura de *Fontamara* vivia a sua mais profunda crise existencial, desiludido com a política, impossibilitado de voltar à Itália, afastado da religião que lhe servira de apoio em outros momentos difíceis. Angustiado por todos esses impedimentos, volta-se, então, para o literário, onde através da recriação de sua fonte originária, procurará empreender o caminho de volta.

*Fontamara* é lido por muitos estudiosos da obra siloniana como um romance síntese, pois nele encontramos de forma embrionária todas as matrizes que irão tecer as demais narrativas do escritor.

A história do romance retrata uma aldeia da região do Abruzzo, que poderia simbolizar qualquer um dos povoados italianos ou do próprio mundo, onde existisse a mesma estrutura arcaica e estagnada de Fontamara.

A trama da narrativa vai se desenrolar durante um período de verão, localizado, provavelmente, no decênio de 1920/30. Esse período da história da Itália é assinalado pelo recrudescimento da situação política, sob o jugo da ditadura fascista, que vai agravar a antiga miséria e a fome, na qual vivia imersa a maioria das aldeias italianas.

Os habitantes de Fontamara se caracterizavam por viver à margem da história, preocupados em tirar da terra o mínimo necessário que garantisse sua permanência junto ao solo pátrio.

O romance traça com cores sombrias o caminho trágico do homem meridional, do camponês humilde que faz a terra frutificar, e que, paradoxalmente, morre de fome. Eles devem pagar com o suor de seus rostos a chance única de ec-sistir.

Silone assinala de forma indiscutível o caráter universal de seus personagens, o drama do homem que procura descobrir-se para revelar sua diferença, e reconhece a urgência da presença dos outros homens.

Já nas páginas introdutórias do romance deparamo-nos com a preocupação do escritor em esclarecer a escolha do instrumento lingüístico que irá compor o discurso do texto, bem como, assinalar o caráter singular do fontamarese.

O texto siloniano nos vai mostrar a necessidade de um mergulho mais profundo na alma do homem meridional, vai apontar as feridas que se abrem no seu íntimo, ultrapassando a superficialidade folclórica, que, geralmente, cerceia a ação do homem do campo. Vai, enfim, olhar sob a luz mais intensa, o difícil caminho traçado pela escritura de sua diferença ontológica: a trilha recuperadora de sua hominização.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CARLO, Annoni. *Invito alla lettura di Silone*. Milão: Mursia, 1985.

SILONE, I. *Uscita di Sicurezza*. Milão: Longanesi & C., 1979.

SILONE, I. *Fontamara, Pane e Vino, Il seme sotto la neve, Una manciata di more e Il segreto di Luca*. Collezione Super-Omnibus. Milão: Mondadori, 1982, p. 56-7.